

**RESENHA**

# RESENHA DO LIVRO ACELERAÇÃO E ALIENAÇÃO: ESBOÇO DE UMA TEORIA CRÍTICA DA TEMPORALIDADE NA MODERNIDADE TARDIA, HARMUT ROSA

**POR** RAFAEL H. SILVEIRA

**RESUMO** *Em Aceleração e alienação: Esboço de uma teoria crítica da temporalidade na Modernidade tardia, Hartmut Rosa recapitula resumidamente e amplia sua Teoria da Aceleração Social. A ampliação da teoria se dá em primeiro lugar através da análise de elementos desaceleradores da tendência aceleratória e, em seguida, da análise das consequências da aceleração para a Teoria Crítica social atual, cujos questionamentos levantados e respostas dadas até o presente momento não apresentariam uma solução para a perda da credibilidade do projeto da Modernidade, uma vez que a aceleração social teria sucumbido e instrumentalizado a possibilidade de autonomia prometida. Partindo da busca de uma resposta à questão de o que seria uma vida plena, Rosa retrata, assim, o contexto do surgimento de diferentes categorias de alienação, retratando em sua teoria uma tendência social crescente extremamente relevante e em crescimento na era moderna.*

REVIEW OF HARTMUT ROSA'S BOOK ALIENATION AND ACCELERATION. TOWARDS A CRITICAL THEORY OF LATE-MODERN TEMPORALITY

**ABSTRACT** *In Alienation and Acceleration. Towards a Critical Theory of Late-Modern Temporality Hartmut Rosa briefly recapitulates and expands his Theory of Social Acceleration. This expansion is made first through the analyse of the decelerating elements of the acceleration tendency and, second, through the analysis of the consequences of acceleration for the actual social Critical Theory, whose questions put and answers given until now*

wouldn't present a solution for the loss of credibility of the project of modernity, once that social acceleration succumbed and instrumentalized the promised possibility of autonomy. Looking for an answer the question of what would be a fulfilled life, Rosa retraces the context of the development of different categories of alienation, depicting in his theory an extremely relevant and growing social tendency of modern times.

**PALAVRAS-CHAVE** *Aceleração social*  
*Hartmut Rosa* *Alienação* *Cronossociologia*  
*Teoria crítica*

**KEY WORDS**  
*Acceleration*  
*Hartmut Rosa*  
*Alienation*  
*Chronosociology*  
*Critical Theory*

A presente resenha aborda o livro *Aceleração e alienação: Esboço de uma teoria crítica da temporalidade na Modernidade tardia*, de autoria do Prof. Dr. Hartmut Rosa e traduzido por Robin Celikates do inglês para a língua materna do autor, o alemão.[1] Desde o lançamento de sua Teoria da Aceleração Social, cujos fundamentos foram colocados em seu trabalho de habilitação – por sua vez publicado como livro em 2005 por uma das mais renomadas editoras da Europa –, [2] seus conceitos têm sido elaborados e discutidos nas mais diversas áreas, dentro e fora do âmbito acadêmico. A teoria concentra um extenso e complexo instrumental científico que pode ser categorizado como contribuição não apenas à Sociologia, mas aos Estudos do Tempo em geral. Essa contribuição é não apenas uma complementação da base teórica para a análise da perspectiva temporal em áreas como a Cronobiologia,[3] estudos políticos e econômicos, ela coloca a dimensão temporal no cerne de seu modelo de análise da Modernidade, como será mostrado no que se segue.

Hartmut Rosa trabalhou em 1995 nos Estados Unidos como assistente de pesquisa em Harvard e como professor convidado pela New School University de Nova Iorque; como politólogo nas universidades de Mannheim, de Duisburg-Essen e de Augsburg na Alemanha. Atualmente é diretor do Instituto de Sociologia e um dos diretores do núcleo de pesquisas intitulado *Postwachstumsgesellschaften* ou “Sociedades pós-crescimento” da Universidade de Jena. Suas inúmeras publicações

abrançam a Sociologia do tempo, a Sociologia das relações mundiais, a análise da Modernidade, a crítica social, a crítica da identidade moderna, a Teoria da Aceleração, dentre outros temas. Suas análises perpassam as teorias de nomes como Karl Marx, Georg Simmel, Émile Durkheim, Max Weber, Niklas Luhmann, Theodor Adorno, Jürgen Habermas, Walter Benjamin, Paul Virilio, Manuel Castells, Zygmunt Bauman, Robert Levine, Charles Taylor, Axel Honneth, dentre outros.

O questionamento que fundamenta “Aceleração e alienação” é, como o autor esclarece na introdução, comum a alguns dos nomes acima citados: O que pode ser considerado uma vida plena e quais fatores em nossa vida nos impedem de considerá-la como tal? O enfoque da resposta buscada por Rosa recai sobre a análise das estruturas temporais da Modernidade, cuja relevância, constatada pela teoria desenvolvida, poderia ser sintetizada na reformulação do velho dito popular em *diga-me como utilizas teu tempo e te direi quem és*.

Para tanto, o autor recapitula brevemente na primeira das três partes do livro sua Teoria da Aceleração Social, que divide o fenômeno aceleratório em três categorias: a aceleração técnica, que compreende a utilização de aparatos técnicos e tecnológicos para encurtar o tempo gasto em atividades como transporte, produção, comunicação etc.; a aceleração das transformações sociais, que compreende o aumento do ritmo de transformações nas estruturas políticas, culturais, religiosas, científicas etc.; e a aceleração do ritmo de vida, que concerne ao aumento da frequência de ações e vivências por unidade de tempo, gerador da sensação de falta de tempo. Além das três categorias da aceleração são apresentados seus “motores propulsores”, as convicções, ideologias ou normas por trás do fenômeno aceleratório: o motor social ou a competição, que representa a base do sistema socioeconômico capitalista; o motor estrutural ou o equivalente à promessa (na religião) da vida eterna através da maximização de experiências de um ciclo de vida; e uma força propulsora interna: o círculo aceleratório de reforço mútuo entre as categorias da aceleração.

Ainda na primeira parte do livro são apresentados sob o termo “desaceleração” os elementos ‘frenadores’ da tendência aceleratória: limites biológicos naturais, tanto individuais como globais; os limites geoculturais, ditados muitas vezes pela combinação de limites biológicos e limites culturalmente construídos, apresentados como exemplo no livro sob a forma dos chamados “oásis de desaceleração”, como ilhas, resorts, comunidades alternativas ou religiosas; a desaceleração intencional – que por sua vez se divide em desaceleração funcional (com objetivo aceleratório) e desaceleração ideologicamente oposicional (cujo objetivo seria encontrar alternativas para quebrar com a lógica aceleratória) –; e ainda o reverso (paradoxal) da aceleração: a inertificação estrutural e cultural, advinda de um exaurimento de energias utópicas que impediria transformações sociais reais e profundas. Em seguida, o autor esclarece a prevalência das forças aceleratórias em relação às forças desaceleratórias abordadas, dentre as quais algumas não representariam uma tendência contrária, mas sim uma dimensão complementar do fenômeno aceleratório. A primeira parte do livro é encerrada com uma reflexão a respeito da

relevância de uma análise da Modernidade que considere as “forças normativas silenciosas” temporais, que perpassam todas as esferas da vida individual e coletiva, pessoal e material, física e mental. A essa reflexão é somada a constatação do surgimento, através da aceleração social, de novas experiências temporais e espaciais, de novos modelos interacionais e novas formas de subjetividade.

A segunda parte da análise aborda as consequências da aceleração para a Teoria Crítica social atual, que, segundo Rosa, em função de seu caráter transformador, deve buscar na extinção do sofrimento humano seu ponto de partida normativo, contribuindo, assim, para a autonomia individual e coletiva no sentido da concretização de uma vida plena. Uma primeira dessas consequências concerne a Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas,[4] abordada no sétimo capítulo de “Aceleração e alienação”. A concepção da “obrigatoriedade voluntária” do melhor argumento em um discurso isento (de dominações ideológicas) como solução para patologias sociais é complementada por Rosa no plano temporal: A aceleração impossibilitaria a elaboração e implementação do melhor argumento em praticamente todas as esferas sociais modernas – inclusive e sobretudo na Política. Outra consequência que a consideração da aceleração como fator social traz para a Teoria Crítica atual envolve a ideia das “relações de reconhecimento” (*Anerkennungsverhältnisse*) postuladas por Axel Honneth[5] e analisadas criticamente por Rosa no oitavo capítulo de seu livro. A premissa de Honneth, de que a sociedade moderna se basearia em relações de reconhecimento mútuo, é confrontada por Rosa por meio do aspecto da dinamização e volatilidade sociais modernas, que se transformam ao longo da Modernidade. Para ser reconhecido não basta mais ao indivíduo herdar uma posição – ele deverá mantê-la e legitimá-la frente às constantes transformações sociais. Da mesma forma surge a possibilidade de mobilidade social total na luta pela concorrência e da conquista (assim como da perda) de posições, fato que dependeria, diferentemente das circunstâncias de sociedades estratificatórias, não apenas da origem do indivíduo, mas também de seu desempenho. A mera possibilidade de ascensão social transfere quase que exclusivamente para o indivíduo a responsabilidade pelo sucesso e pelo fracasso de um plano de vida. A luta por reconhecimento tornaria-se, assim, segundo Rosa, antes um elemento propulsor da aceleração social, estimulando a concorrência e a lógica aumentativa. Rosa conclui a segunda parte de seu livro com a constatação de que a aceleração apresentaria características de uma nova forma de dominação totalitária, inclusive mais persuasiva que regimes políticos ditatoriais. Uma vez que a estrutura da lógica aceleratória é considerada um elemento natural da realidade, os indivíduos interpretariam a urgência temporal como fruto de sua própria incapacidade de gerenciar melhor seu tempo, não reconhecendo e, por conseguinte, não sendo capazes de combater o fenômeno aceleratório.

Ao reconhecimento e conseqüentemente ao combate deste fenômeno, através da formulação de uma nova Teoria Crítica, Rosa dedica a terceira e última parte de sua análise. Nesta é apresentada uma das razões da dificuldade de se reconhecer a lógica aceleratória social: O conceito de “projeto da Modernidade”, tal qual identificado por Jürgen Habermas, Charles Taylor[6] e Jóhann P. Arnason,[7] traz consigo a promessa de libertação individual, de autonomia ética, da possibilidade

de configuração da vida sem a intervenção (direta) de instâncias reguladoras, tais como o Estado (feudal, monárquico), a religião, a linhagem etc. Essa promessa de autonomização e libertação abrangeria até mesmo processos naturais, que a Ciência, a Tecnologia e a Economia tentam sistematicamente superar e adaptar a seus interesses.[8] Essa liberdade individual da estrutura social moderna é, no entanto, acompanhada por obrigações, exigências e expectativas igualmente grandes, tratadas por Rosa como “normas sociais da temporalidade”. Tais normas exerceriam uma força coerciva poderosa, que nos manteria ininterruptamente em movimento apenas para consolidar nossa posição social atual, tal qual ilustram algumas metáforas citadas, como a de se estar galgando uma escada-rolante descendente na qual é preciso continuar a subir para se manter a posição atual; ou ainda a de um hamster girando sua rodinha na gaiola.

Apesar dessa força coerciva, os indivíduos teriam a sensação de desfrutar da promessa (de autonomia) da Modernidade, de serem em grande medida livres para fazer suas próprias escolhas. Essa falsa noção de autonomia possibilitaria às normas da temporalidade a imposição de sanções tão restritivas quanto as das mais severas ditaduras políticas, relegando a responsabilidade e culpa por eventuais fracassos do projeto de vida não ao sistema, mas aos próprios indivíduos, à sua suposta incapacidade de gerenciamento de recursos (sobretudo temporais).[9] A promessa do projeto da Modernidade teria perdido sua credibilidade na Modernidade tardia globalizada, ao contrário da tendência de outros períodos, como o da Revolução Industrial, pelo fato de que a aceleração social teria sucumbido e instrumentalizado a possibilidade de autonomia, prometida pelo projeto da Modernidade.

Esse contexto geraria a alienação, retraçada por Rosa como o estado em que os sujeitos sociais, mesmo não sendo obrigados a tal, perseguem objetivos e adotam comportamentos que na realidade não julgam de fato positivos ou coerentes com seus anseios reais. A partir desta constatação, cinco gêneros de alienação, abordados já por Marx, são discriminados: a alienação relativa ao espaço, a relativa aos objetos, a relativa às próprias ações, a relativa ao tempo e, por fim, a alienação social, juntamente da relativa à própria identidade. Em suas considerações finais, Rosa tece uma autocrítica com relação ao enfoque da análise exclusivamente em aspectos negativos da aceleração em detrimento de aspectos positivos. O desfecho de sua investigação aponta para a necessidade da construção de um conceito de vida não alienada através de uma relação ‘ressonante’ com o mundo – desafio que teria motivado o surgimento das principais teorias sociológicas clássicas. A vida não alienada, não seria necessariamente desacelerada, mas equilibrada através do atingimento de experiências de ressonância com o mundo. O conceito de ressonância como um eco de nossa própria voz ou o reconhecimento de algo do nosso interior no exterior inaugura um novo horizonte teórico a ser perseguido, embora o caminho percorrido até o presente ponto ainda possa – e mereça – continuar a ser explorado e expandido. Parte dessa expansão consiste na questão se a homogeneidade das conclusões tiradas por Rosa conseguiria abarcar estruturas sociais heterogêneas e, conseqüentemente, socialmente dessincronizadas como a brasileira. À outra parte caberia a investigação das conseqüências dessa dessincronização, especialmente com relação às formas de ocorrências da alienação

nas cinco categorias postuladas, assim como um eventual aprofundamento de aspectos da teoria nesse sentido.

## notas de rodapé

- [1] ROSA, Hartmut. *Alienation and Acceleration. Towards a Critical Theory of Late-Modern Temporality*. Malmö/Arhus: NSU Press, 2010. Título ainda sem tradução oficial para o português.
- [2] ROSA, Hartmut. *Beschleunigung. Die Veränderung der Zeitstrukturen in der Moderne*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2011. Título da tradução do livro para o português: *Aceleração. Uma análise sociológica do tempo na Modernidade*. Traduzido para o português brasileiro por Rafael H. Silveira. A obra aguarda parecer editorial para sua publicação no Brasil.
- [3] Ver por exemplo: MARQUES Nelson; MENNA-BARRETO, Luiz. O tempo dentro da vida, além da vida dentro do tempo. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 54, n.2, p. 44-46, 2012.
- [4] HABERMAS, Jürgen. *Theorie des kommunikativen Handelns. 2.v. Handlungsrationality und gesellschaftliche Rationalisierung; Band 2(v.i)* : Zur Kritik der funktionalistischen Vernunft. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1981.
- [5] HONNETH, Axel. *Kampf um Anerkennung. Zur moralischen Grammatik sozialer Konflikte*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1993.
- [6] TAYLOR, Charles. *Quellen des Selbst. Die Entstehung der neuzeitlichen Identität*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1994.
- [7] ARNASON, Jóhann P. Autonomy and Axiality. In: *Agon, Logos, Polis. The Creek Achievement and its Aftermath*. Editado por Jóhann P. Arnason e Peter Murphy. Stuttgart: Steiner, 2001. p. 155-206.
- [8] Como exemplos (citados sobretudo em Rosa 2011), a própria Medicina pode ser interpretada como uma tentativa de prolongamento do tempo de vida humano; a pesquisa genética traz consigo a ambição de seleção e de aperfeiçoamento do desenvolvimento biológico; a produção em massa de alimentos procura reduzir o tempo e maximizar o desempenho da produção etc.
- [9] Essa seria, segundo Rosa, a fórmula que justificaria a popularidade de publicações com o intuito de ensinar a arte da administração do tempo e, por outro lado, o aumento de moléstias e patologias ligadas ao ritmo de vida. Ver por exemplo: ROSA 2011, p. 83 sq. oder *Radkau, Joachim: Das Zeitalter der Nervosität. Deutschland zwischen Bismarck und Hitler*. München: Carl Hanser, 1998.